

KIERKEGAARD POR SARTRE: O TRANS-HISTÓRICO

Francisco Nicolau Araújo *

DOI: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.13260>

RESUMO

Esta pesquisa visa realçar a influência que Kierkegaard exerceu sobre o existencialismo sartriano mediante a análise do que é o trans-histórico. Para tanto, examinou-se o texto *O universal singular*, que se trata de um artigo de Sartre pouco difundido, apesar de ter sido exposto no famoso colóquio - Kierkegaard Vivo. Vale ressaltar que o conceito que será abordado aqui, situa-se no mesmo horizonte teórico que um dos temas mais sensíveis às teses do filósofo existencialista, a saber, a História. Ademais, no escrito mencionado, evidenciou-se que Sartre ao recordar a filosofia do dinamarquês, discute a noção de compreensão para criticar à interpretação que reduz o caráter ontofenomenológico da liberdade inerente à condição humana, que enquanto categoria de universal singular, encontra-se em uma perspectiva arraigada no trans-histórico, definido como aquilo que pode estar na História, mas que não pode ser determinada pela objetificação do saber.

PALAVRAS-CHAVE

Sartre. Kierkegaard. Universal singular. Trans-histórico. História.

ABSTRACT

This research aims to highlight the influence that Kierkegaard had on Sartre's existentialism through an analysis of what trans-historical is. To this end, we examined the text *The Singular Universal*, which is an article by Sartre that is not widely disseminated, despite having been presented in the famous colloquium - Kierkegaard Vivo. It is worth highlighting that the concept that will be addressed here is located on the same theoretical horizon as one of the themes most sensitive to the existentialist philosopher's theses, namely, History. Furthermore, in the aforementioned writing, it is evident that Sartre, when recording the Dane's philosophy, discusses the notion of understanding to criticize the interpretation that reduces the ontophenomenological character of the freedom inherent to the human condition, which as a category of singular universal, is found in a perspective rooted in trans-historical, defined as that which can be in History, but which cannot be determined by the objectification of knowledge.

KEYWORDS

Sartre. Kierkegaard. Universal singular. History. Trans-historical.



INTRODUÇÃO

Se considerado o périplo percorrido por Sartre entre as obras *O Ser e O Nada*¹ (1943) e a *Crítica da Razão Dialética* (1960), é perceptível um movimento que inicia por uma fase comumente definida como abstrata, solipsista e distante das preocupações históricas, para posteriormente surgir uma postura em que a História e o engajamento nas questões sociopolíticas ganharam evidência na vida e escritos do filósofo. Uma evidência bastante nítida desse primeiro momento é a emblemática pergunta aventada em SN, “A história tem sentido?” (Sartre, 2009, p. 667), que permaneceu latente até meados da década de 60.

* Graduado e Mestre pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA. Professor da SEDUC - CE.

1 Para uso contínuo das citações neste trabalho, serão utilizadas as seguintes abreviações: SN para *O Ser e o Nada* e CRD para *Crítica Razão Dialética*.

Sem dúvidas, no escopo da obra sartriana, a História representa um dos desafios mais significativos, visto que esse processo, que Gerd Bornheim (cf. 2011, p. 221) qualifica de “conversão”², só seria possível por meio da guinada das teses ontofenomenológicas em direção à dialética, algo que se engendrou pela recusa e avançou na discussão do sentido da História. Por conseguinte, o que se tem é uma leitura negativa desse périplo, isso por parte de alguns intérpretes mais críticos, que colocam em suspeição a existência ou não de uma continuidade na filosofia de Sartre.

Evidentemente, a mudança supracitada só foi possível em virtude da aproximação de Sartre com os preceitos políticos inspirados no marxismo, o que por sua vez resultou na construção de um diálogo mais amistoso entre o existencialismo e o materialismo histórico-dialético³. Vale ressaltar que antes disso, as teses sartrianas se mantiveram reticentes em fazer uma interpretação dialética da História, devido ao receio de tombar em um determinismo, ou qualquer tipo de fatalismo materialista e/ou histórico que pudesse furtar o caráter ontológico da liberdade humana. Soma-se a esse imbróglio o fato dramático de que esse percurso, que ocorreu na filosofia de Sartre, foi acompanhado por polêmicos posicionamentos políticos que causaram rompimentos e dissensões com alguns amigos-filósofos.

Quanto a Søren Kierkegaard, um dos objetos desta pesquisa, aparece na elaboração argumentativa de Sartre tanto SN quanto na CRD, mormente, para pensar algumas dimensões basilares do existencialismo, tais como: subjetividade, angústia, medo, desespero, liberdade e a crítica ao hegelianismo. Mas, apesar da inegável influência, é necessário observar que não são recorrentes, especialmente no Brasil, trabalhos que se debruçam sobre a leitura e atualização crítica que o filósofo existencialista faz dos textos kierkegaardianos. Essa realidade apontada se torna mais perceptível quando comparada a outros teóricos abordados por Sartre, como Husserl, Heidegger e Marx.

Deste modo, dentre os artigos e livros produzidos visando aprofundamento da obra sartriana, quase sempre é uma exclusividade encontrar algum que se dedique à relação com a filosofia do dinamarquês, principalmente para além do que se percebe nos aspectos mais comuns do existencialismo. Nesse sentido, essa pesquisa se propõe a contribuir com um ponto importante dessa lacuna, ao apresentar uma investigação que, ao mesmo tempo, que explora a relação entre as filosofias de Kierkegaard e Sartre, o empreende no tocante aos conceitos que impactam no que se pode considerar como “o ponto mais sensível” da filosofia sartriana, a saber, a questão da História.

Para tal propósito, será fulcral resgatar um texto da bibliografia sartriana pouco difundido, embora tenha sido exposto no célebre colóquio organizado pela Unesco (1964) *Kierkegaard vivo*, onde Sartre conferenciou um curto escrito de menos de 40 páginas, intitulado *O universal singular*. Na oportunidade, o filósofo existencialista retornou ao átomo da doutrina da existência partindo da dimensão do *universal singular* e da concepção do *trans-histórico*. Assim sendo, por meio de uma rápida revinda à presença das teses kierkegaardianas em SN e na CRD, e ainda do exame da discussão enfrentada na conferência de 64, esse trabalho se empenha em entender as noções de *trans-histórico* e o estatuto desse elemento para a questão da História na filosofia sartriana, bem como recrudescer a importância da influência de Kierkegaard para o pensamento de Sartre.

A INFLUÊNCIA DE KIERKEGAARD SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTRIANO

Em *Temor e Tremor* (1843), a análise espiritual kierkegaardiana formula uma crítica a Hegel, acusando-o de absorver a existência concreta do indivíduo em função da universalização sistemática da realidade do mundo no Absoluto. Alguns anos depois, no *Post Scriptum Final Não-científico às Migalhas Filosóficas* (1846), o filósofo dinamarquês sentenciava que “a subjetividade é a verdade possível” (Kierkegaard, 2013, p. 317). Assim, Kierkegaard preconizava o singular contra o hegelianismo, enfatizando que o universal é uma abstração oriunda do particular, impossibilitando a

2 O termo conversão é utilizado pelo filósofo Bornheim para referenciar este caminho trilhado por Sartre entre o texto de 1943 e 1960. Contudo, é preciso afastar o sentido religioso da palavra, no intuito de não indicar que o filósofo francês estivesse antes no erro e, somente depois, tenha enfim alcançado a redenção. Sobre isso, cf. Bornheim, 2011, p. 223.

3 O diálogo entre Sartre e os comunistas nem sempre foi de apoio, mas sim marcado por alguns episódios de acirramento. Um dos primeiros contatos aconteceu na década de 40, durante a ocupação alemã, quando Sartre fundou o famoso grupo de resistência Socialismo e Liberdade (1941). Todavia, o PFC (Partido Comunista Francês) tratava o filósofo como um “agente provocador” que incitava a criação de um movimento de resistência sem a autorização dos comunistas.

irredutibilidade da existência humana em apenas conceitos abstratos. Nessa perspectiva, o universal estaria representado no singular, e não o contrário. Isso implica também que a consciência só pode conhecer ao nível da subjetividade, já que o saber não pode reduzir a subjetividade em detrimento dos aspectos universais da razão.

Dessa maneira, mesmo que focado em realizar uma interpretação filosófica-teológica, Kierkegaard fornecia o elemento basilar das reflexões que seriam realizadas pelas doutrinas filosóficas do existencialismo francês do século XX, que até mesmo entre os ateus, como Sartre, se questionaram sobre o sentido da existência subjetiva de cada indivíduo⁴ no cenário caótico do pós-guerra. Outrossim, Jack Reynolds explica em *O existencialismo* (2013) que: “Kierkegaard foi um dos primeiros a sublinhar a relevância filosófica de experiências como o desespero e temor, precursoras da *Angst* heideggeriana e da angústia sartreana” (Reynolds, 2013, p. 17)⁵. A *angústia*, que constitui um dos temas abordados por Sartre na análise ontofenomenológica da liberdade humana no texto de 43.

No SN, o suporte para problematizar a *angústia existencial* advém das reflexões de Kierkegaard e avança com a interpretação elaborada por Martin Heidegger. Vinícius Hoste no texto *A constituição da angústia em Sartre: do patológico ao ontológico* (2016), relata que a compreensão sartriana terá como “base ambas as reflexões, pois a *angústia* diante da liberdade e a *angústia* diante do Nada formam uma mesma coisa, já que a liberdade implica a aparição do nada no mundo” (Hoste, 2016, pp. 450-451). Conseqüentemente, a análise de Sartre considera que as duas concepções seriam “complementares”, pois se Kierkegaard demonstra que a *angústia* se difere do medo, que é fundado no mundo externo, por outro lado, é Heidegger quem esclarece que o angustiar é uma faculdade humana voltada ao medo do nada que permeia a consciência humana. A respeito disso, explica o filósofo existencialista:

Kierkegaard, descrevendo a angústia antes da culpa, caracteriza-a como angústia frente à liberdade. Mas Heidegger, que, como se sabe, sofreu profundamente a influência de Kierkegaard, considera a angústia, ao contrário, como captação do nada. Duas descrições da angústia que não parecem contraditórias, mas, ao contrário, implicam-se mutuamente. Em primeiro lugar, há que se dar razão a Kierkegaard: a angústia se distingue do medo porque medo é medo dos seres do mundo, e angústia é angústia diante de mim mesmo. A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele (Sartre, 2009, p. 73).

Pelo extrato, sobretudo, o que entusiasma Sartre é a diferenciação entre o simples medo e a *angústia*, visto que o primeiro desponta como um fenômeno dado na presença do que é externo, enquanto a *angústia* é o “temer ter o medo”, ou seja, se manifesta enquanto possibilidade à consciência. No trecho a seguir, o filósofo existencialista ratifica essa posição definindo que o: “medo e angústia são mutuamente excludentes, já que o medo e apreensão irrefletida do transcendente e a angústia apreensão reflexiva de si” (Sartre, 2009, p. 73). Dessa forma, para Sartre, a *angústia* é um demonstrativo da condenação à liberdade, que submetida à existência humana, definida pela estrutura ontofenomenológica do *ser-para-si* (consciência humana), que ao se perceber como fonte de *nadificação*, ao contrário do *ser-em-si* (mundo e as coisas), toma consciência da indeterminação do projeto humano enquanto “um ser dos possíveis” determina seus valores.

Essa condição humana também denota a singularidade e a unicidade de cada *para-si*, que ao se encontrar responsável por conduzir a própria vida sem um modelo a ser reproduzido, angustia-

4 A resposta dessa questão, Kierkegaard explicava que a existência do homem se desenvolve em três estágios: o *estético* (busca pelo sentido da existência sob o domínio dos sentidos, vivendo livre aos sabores dos impulsos), o *ético* (a liberdade racional presa aos limites do social) e o *religioso* (o salto do racional para a fé).

5 Outro aspecto da relação Kierkegaard - Sartre é levantado por Márcio Gimenes de Paula (2018, p. 50) ao recordar o livro *Jean-Paul Sartre: Kierkegaard's influence on his theory of Nothingness in Kierkegaard and Existentialism* (2011) de Manuela Hackel. A obra de Hackel questiona a leitura que Sartre fez dos textos de kierkegaardianos em três itens: (1) *Quais traduções de Kierkegaard existiam em francês no período de Sartre?* (2) *Dessas traduções, que foram efetivamente lidas pelo filósofo?* (3) *A leitura feita por Sartre também se beneficiou de outros autores que se referiram a Kierkegaard?* Ao final, Hackel arrazoá, concluindo que: “A leitura de Kierkegaard feita por Sartre é tudo, menos simples, não se pode reivindicar que Sartre não deve nada a Kierkegaard. No entanto, a dificuldade surge quando se tenta verificar se a imagem de Kierkegaard feita por Sartre ainda se assemelha a Kierkegaard ou se já se tornou demasiado Sartre” (Hackel, 2011 *apud* Paula, 2018, p. 82). Relativo ao item 3, pode-se ponderar que Sartre menciona dois trabalhos de Jean Wahl (1888-1974): *Kierkegaard et Heidegger* (1938) em SN, e na CRD, *Kierkegaardian Studies* (1938), indicando que sua análise poderia ter sido influenciada por outra. Porém, tudo isso é um obstáculo que só pode ser considerado enquanto conjectura insolúvel, haja vista não haver uma resposta final para essas indagações que parta do próprio Sartre.

se ao detectar o seu poder da autoescolha. Então, é a *angústia* que aparece quando o homem se vê na iminência da responsabilidade de ter que se construir como um projeto individual desamparado. Paulo Perdigão diz em *Existência e Liberdade* (1995) que justamente “o que nos angustia é saber que não temos a quem recorrer para orientar nossas escolhas” (Perdigão, 1995, p. 113).

Mais tarde, na conferência *O Existencialismo é um Humanismo* (1945), Sartre retoma ao tema defendendo que mesmo quando disfarçada pelo homem em atitude de *má-fé*, a *angústia*, emerge nas situações em que as consequências das ações revelam ao homem a responsabilidade de refletir a escolha como um possível universal. Escreve Sartre: “[...] não é apenas aquele que escolher ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e à humanidade inteira, isso implica uma profunda responsabilidade angustiante” (Sartre, 1987, p. 7). É nesse sentido que o filósofo existencialista recorre ao exemplo bíblico elucidado por Kierkegaard na interpretação da angústia de Abraão. Para Sartre, a narrativa bíblica tomada por Kierkegaard para ilustrar a provação e as incertezas que acometeram Abraão durante a iluminação que recebeu do anjo do Senhor servem para evidenciar que a angústia possui um caráter universalizador. Assim, ao se escolher, o homem se coloca com um possível aos outros.

Já na CRD, Sartre critica Hegel, respaldando-se inicialmente em Kierkegaard, que anterior ao filósofo existencialista havia realizado uma análise do Saber objetivo da lógica hegeliana, que em sua visão oblitera as experiências vividas dos indivíduos em nome da Razão Absoluta. Nos dizeres de Sartre: “[...] para Kierkegaard, a superação da consciência infeliz permanece puramente verbal - o filósofo constrói um palácio de ideias e habita uma cabana” (Sartre, 2015, pp. 18-19). Por conseguinte, segundo Sartre, Kierkegaard realizava um significativo “progresso em relação a Hegel”, pois afirmava a realidade do vivido em detrimento ao Saber Absoluto, o que na opinião do filósofo dinamarquês não passava de “uma transfiguração de palavras distantes da realidade humana” (Kierkegaard, 1979, p. 75).

No entendimento de Sartre, essa a “interioridade” que pretende se afirmar contra toda a filosofia em sua “estreiteza e profundidade infinita”, é a subjetividade ultrapassa a linguagem abstrata de Hegel, a “aventura pessoal de cada um diante dos outros e de Deus, eis o que Kierkegaard designou por existência” (Sartre, 2015, p. 19). Diz Sartre:

O que opõe Kierkegaard a Hegel é que, para este, o trágico de uma vida é superado. O vivido se esvai no saber. Hegel fala-nos do escravo e do seu medo da morte. Mas este, que foi sentido profundamente, torna-se o simples objeto do conhecimento e o momento de uma transformação, por sua vez, superada. Para Kierkegaard, pouco importa que Hegel fala de “liberdade para morrer” ou que descreva corretamente alguns aspectos da fé; o que ele critica no hegelianismo é o fato de negligenciar a insuperável opacidade da experiência vivida (Sartre, 2015, p. 17).

Nesse ponto, Sartre se põe ao lado de Kierkegaard ao reafirmar que a lógica hegeliana “suprime o vivido no desenvolvimento do Saber objetivo” do Espírito. Assim, segundo o filósofo existencialista, a relutância de Kierkegaard ao sistema de Hegel significa também a defesa de que o “Saber total, não pode de modo algum ser racionalizado”, mas somente “vivido no ato de fé pela singularidade da existência humana” (Sartre, 2015, p. 121). Entretanto, Sartre adverte, afirmando que o que se pode dizer é que inicialmente Kierkegaard tem razão contra Hegel. Contudo, “[...] na mesma proporção que Hegel tem razão contra Kierkegaard” (Sartre, 2015, p. 18). Explica Sartre:

Hegel tem razão: de obstinar-se, como o ideólogo dinamarquês, em paradoxos congelados e pobres que, no final de contas, remetem a uma subjetividade vazia, o filósofo de Iena visa por seus conceitos o concreto verdadeiro; além disso, a mediação apresenta-se sempre como um enriquecimento. E Kierkegaard tem razão: a dor, a necessidade, a paixão, o sofrimento dos homens são realidades brutas que não podem ser superadas ou modificadas pelo Saber; é claro, seu subjetivismo religioso pode passar, pelo cúmulo do idealismo, mas em relação a Hegel, marca um progresso em direção ao realismo já que, antes de tudo, insiste sobre a irredutibilidade de um certo real ao pensamento e sobre a sua primazia (Sartre, 2015, p. 19).

Mas na CRD era preciso que esses dois sistemas (hegeliano e kierkegaardiano) fossem enfim “atualizados” pela relação existencialismo-marxismo, que conseguiria absorver esses dois saberes em uma reflexão sobre as questões sociais. Diz Sartre que Marx tem razão:

Contra Kierkegaard e Hegel, uma vez que afirma, com o primeiro, a especificidade da existência humana, e uma vez que toma, com o segundo, o homem concreto em sua realidade objetiva. Nessas condições,

pareceria que o existencialismo, esse protesto idealista contra o idealismo, tivesse perdido toda a utilidade e não tivesse sobrevivido ao declínio do hegelianismo (Sartre, 2015, p. 21).

Sartre evidencia que Kierkegaard em relação a Hegel, afirmava um radicalismo, que comportava uma razão, mas também descartava algo imprescindível. Ademais, Sartre salienta que esse é um duelo que acontece sob o “domínio de uma tradição que nada podia afirmar fora do hegelianismo”, ou seja, Kierkegaard estava por todos os lados “acuado pela força da História”, era o embate entre o “romantismo cristão e racionalização da fé” (Sartre, 2015, p. 121). Logo, Sartre embora tenha deixado nítido que muito se influencia pelas teses de Kierkegaard para refundar a crítica à dialética hegeliana, faz uma ressalva ao tentar um caminho diferente do filósofo dinamarquês se aproximando de Marx ao estabelecer que “não pretendemos - como fazia Kierkegaard - que esse homem real seja incognoscível. Dizemos apenas que ele não é conhecido” (Sartre, 2015, p. 29).

A conclusão de Sartre é que o existencialismo só conseguiria renascer em paralelo ao marxismo, por manterem sempre o mesmo foco, a realidade concreta dos homens, e se Kierkegaard fosse um avanço em relação a Hegel, mas somente para ser repensado e superado posteriormente por Marx. Esse, e outros posicionamentos, levaram à conhecida sentença do filósofo existencialista no prefácio da CRD “[...] o marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo, visto que é a totalização do saber contemporâneo” (Sartre, 2015, pp. 11-12). Assim, insistindo na ideia de que alguns conhecimentos se somam em uma filosofia que se coloca com o suprassumo do saber de determinado tempo histórico.

Portanto, a bem da verdade, é fato que o filósofo dinamarquês, ainda que delimitado ao âmbito da fé, desvela uma análise existencial que forneceria alguns aspectos elementares para os existencialistas. Mas, para além da *angústia* e da crítica contundente ao sistema lógico hegeliano, há outro ponto que o filósofo existencialista explora partindo de pressupostos kierkegaardianos, e que aqui interessa por orbitar a polêmica questão da História. Em um texto que inicialmente vem a público apenas quatro anos após o aguardado lançamento da CRD, a densa análise dialética da História, Sartre para, e inspeciona novamente as teses de Kierkegaard quanto à compreensão do *universal singular*, discutindo o *trans-histórico*. Isso posto, convém examinar o discriminado escrito no próximo momento.

O UNIVERSAL SINGULAR E O TRANS-HISTÓRICO

O colóquio *Kierkegaard Vivo* organizado pela UNESCO ocorreu em Paris em 1964. Na intenção de homenagear a filosofia de Kierkegaard e *in memoriam* do 150º aniversário de nascimento do dinamarquês, o encontro apresentou um balanço da influência das teses kierkegaardianas sobre o pensamento contemporâneo. Dois anos depois as apresentações surgiram como livro, ou melhor, um compêndio organizado pela editora Gallimard que carregava o mesmo título da palestra, reunindo assim os textos proferidos pelos intelectuais das diversas tendências relacionados ao existencialismo⁶ do século XX e que participaram da ocasião.

Quanto a Sartre, contribuiu com a apresentação do texto *O universal singular*, escrito que até hoje não é muito conhecido, e que por razões quaisquer sequer possui uma tradução para o português⁷. Na curta, todavia densa, exposição de exatas 32 páginas, Sartre exuma a filosofia do “cavaleiro da subjetividade” e introduz a retomada de uma inquietação que circundou boa parte das obras sartrianas que foram publicadas em datas posteriores aos anos 50, o desejo de compreender a categoria de *universal singular*.

Consoante a isso, Deise Quintiliano Pereira em *Sartre fenomenólogo* (2007), defende que “[...] o enigmático (*universal singular*) suscita inúmeras hipóteses interpretativas”, mas que a real intenção de Sartre com a análise era, “[...] impedir a redução do indivíduo a uma mera contextualização temporal, à medida que realça sua relação com o momento que ocupa na sua historicidade” (Pereira, 2007, pp. 285-286). Assim, mesmo que seja complexo categorizar a ambiguidade contida nessa expressão, como afirma Pereira, pode-se de imediato destacar que a ideia central reside na compreensão de

6 Tais como Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Enzo Paci, Jean Wahl, René Maheu, Jeanne Hersch, Lucien Goldmann, Jean Beaufret e Niels Thulstrup. Jean Hyppolite também estava no evento como convidado.

7 Nesta pesquisa, será usada a edição espanhola traduzida por Andrés-Pedro Sánchez e publicada pela Alianza Editorial em 1968.

que a pretensão universal do projeto humano só pode se realizar no fluxo da singularidade, sem, no entanto, poder ser dirimida como aquilo que apenas se realiza na história determinando-se como um saber entre outros.

O primeiro elemento interessante dessa discussão, apontado por Sartre em *O universal singular*, é que a análise póstuma de Kierkegaard comporta um paradoxo, ao se indagar o conhecimento que se pode ter a respeito de um morto quando se busca enfatizar a irreducibilidade da subjetividade. Nas palavras do próprio filósofo existencialista: “*Kierkegaard está vivo en la muerte en la medida en que afirma la singularidad irreductible de todo hombre a la historia, la cual le condiciona rigurosamente, sin embargo*” (Sartre, 1966, p. 49).

Por certo, no texto de 64, o objetivo de Sartre era defender que a subjetividade jamais pudesse ser reduzida ao conhecimento objetivo sobre algo, pois isso poderia suprimir o caráter ontológico da liberdade. Em seus dizeres:

Este escándalo histórico, provocado por la desaparición de lo subjetivo en un sujeto de la historia, y por el devenir-objeto de lo que fue agente, se da a propósito de todos los desaparecidos. La historia está agujereada. Kierkegaard es el hombre que se planteó la cuestión del absoluto histórico, que subrayó la paradoja escandalosa de la aparición y desaparición de este absoluto en el tiempo de la historia (Sartre, 1968, p. 18).

Na passagem, Sartre reforça, ao demonstrar que a contraposição a Hegel, de Kierkegaard, revela a necessidade de se pensar que enquanto subjetivo, uma singularidade surge no mundo e desaparece, mas ao fazer isso também se condiciona com um absoluto histórico que pode transpassar a História como subjetividade, ou melhor, na dimensão do *trans-histórico*.

De acordo com Antony Aumann, no trabalho intitulado *Sartre's View of Kierkegaard as Transhistorical Man* (2006), justifica que o dilema que Sartre deseja responder é se, “[...] *it is possible for a person to have validity as a subject not only in his own historical time period but also in others (and hence be “transhistorical”), or once a person is dead his subjectivity is lost and gone forever*” (Aumann, 2006, p. 2)⁸. Essa proposição de Aumann é desenvolvido por Sartre na própria dinâmica do evento, ao enfatizar a antítese existente no nome - Kierkegaard vivo, menção que só faria sentido se Kierkegaard estivesse morto, escreve Aumann: “[...] *problem with talking about Kierkegaard after he has died is that he is no longer what he was. While alive he was an individual subject, an agent of free choice. But since that time death has intervened and robbed him of his subjectivity*” (Aumann, 2006, p. 2).⁹

Assim, pelo exemplo homem que não pertence mais à História, Sartre esboça a condição de *trans-historicidade*, que “*desde este punto de vista, el momento de verdade subjetiva es un absoluto temporalizado [...]*” (Sartre, 1968, p. 18). Ora, é justamente na antítese entre vida e morte que o filósofo existencialista compreende a condição do *universal singular* e que essa definição só se torna possível na dimensão do *trans-histórico*. Escreve Sartre:

Kierkegaard vive porque al rechazar el conocimiento revela la contemporaneidad transhistórica de los muertos y los vivos, es decir, manifiesta que todo hombre es todo hombre como un universal singular. O, si se prefiere, por el hecho de que, frente a Hegel, manifiesta la temporalización como una dimensión transhistórica de la Historia, la humanidad pierde sus muertos y los recomienza a través de su vivir (Sartre, 1968, p. 18).

Deste modo, Sartre revela que é somente como historicidade que o homem pode ser entendido em sua dimensão de *universal singular*. Mas é importante delinear que a finitude de Kierkegaard não pode extinguir o conhecimento de sua vivência, pois o que se sabe sobre ele não supera a constituição subjetiva da existência. Conforme isso, Marcelo Prates, em *Do singular ao singular: finitude, trans-historicidade e compreensão em Sartre* (2021), diz que:

Ser *trans-histórico*, nesse sentido, é resguardar a existência ante a História impedindo-a que ela converta o indivíduo em mero saber histórico, mantendo a relação não na linearidade da narrativa histórica, mas como “ambivalências vividas”. Sujeito múltiplo, *trans-histórico*, irreducível ao saber objetivo, uma

8 Tradução livre: [...] se é possível para uma pessoa ter validade como sujeito não apenas em seu próprio período histórico, mas também em outros (e, portanto, ser “transhistórico”), ou uma vez que uma pessoa morre, sua subjetividade se perde e desaparece para sempre.

9 Tradução livre: O problema de Sartre em falar sobre Kierkegaard depois que ele morreu é que ele não é mais o que ele era. Enquanto vivo, ele era um sujeito individual, um agente de livre escolha. Mas desde então a morte interveio e roubou sua subjetividade.

liberdade sempre contemporânea, eis não apenas Kierkegaard, mas todo aquele que o compreende para compreender a si [...] (Prates, 2021, p. 280).

Pelo extrato, nota-se que o *trans-histórico* adquire um papel fundamental na filosofia de Sartre, ao permite apreender a subjetividade sem a tornar um saber objetivo, preservando a constituição do *universal singular* como “ambivalência” que ao compreender o mundo “compreende a si mesmo” como historicidade. Assim, a interpretação da História como não linear e contemporânea dispensaria a necessidade de uma evolução e da temporalidade causal, o que por sua vez não reduziria o sujeito ao significado do saber histórico. Todavia, essa é uma diferença que reside na distância existente entre o conhecimento e a *compreensão*, que: “ao apelar à totalidade do existente e, por isso mesmo, a sua liberdade e criação, possibilitaria não apenas a compreensão de mim mesmo, mas também do outro em sua liberdade, isto é, em seu aspecto também subjetivo” (Prates, 2021, p. 268).

Nessa mesma perspectiva, Donizeti Sass esclarece em *A noção de compreensão na filosofia de Sartre* (2014) que a noção de *compreensão* é parte da construção da psicanálise existencial sartriana, pois “[...] a compreensão do agir humano não pode ser separada das intenções que animam tais ações, desse modo, interpretar as condutas humanas é também resgatar a temporalidade e a historicidade da própria sociabilidade” (Sass, 2014, p. 223). Prates sintetiza que toda essa discussão confirma que para Sartre a “[...] liberdade não é denotada como um saber objetivo, mas um convite à compreensão de nós mesmos”. Logo, não poderia haver “conhecimento da liberdade, mas apenas compreensão de uma liberdade” (Prates, 2021, p. 268).

Contudo, as questões que estão por detrás do *trans-histórico* situam-se em um panorama mais amplo, como especifica o próprio filósofo existencialista: “¿Se puede obtener de la historia una certeza eterna? ¿Se puede encontrar, en ese punto de partida, un interés distinto del histórico? ¿Se puede fundar una felicidad eterna sobre un saber histórico?” (Sartre, 1968, p. 19).

Outro aspecto dessa análise é que o filósofo dinamarquês sempre argumentou que a fé genuína não depende de evidências objetivas ou de conformidade com doutrinas vigentes, mas sim de um *salto* da subjetividade. Desta forma, o estágio religioso da procura pelo sentido da existência humana, para Kierkegaard, não estaria ao alcance histórico e racional, mas sim em questões universais sobre o significado da vida e a relação do indivíduo com o divino. Assim sendo, pode-se afirmar que as assertivas kierkegaardianas buscavam uma fé de caráter *trans-histórico*. Haja vista, e demonstra que esta percepção kierkegaardiana inicialmente tinha um aspecto positivo, pois na medida em que afirma a irreduzível singularidade de cada homem à história, que, no entanto, o condiciona rigorosamente.

Ao fim da exposição, Sartre lança mão de uma questão imprescindível na tentativa de atualizar as reflexões de Kierkegaard, mas acrescentando a sua interpretação da noção marxista de *práxis* como forma elementar de conectar a instância do universal ao singular:

Karl y Marx: estos muertos-vivos condicionan nuestro arraigo y, habiendo desaparecido, se hacen instituir como nuestro porvenir, como nuestra tarea futura: ¿cómo concebir la historia y lo trans-histórico para restituir, en la teoría y en la práctica, su realidad plenaria y su relación de interioridad recíproca a la necesidad trascendente del proceso histórico y a la libre inmanencia de una historialización recomenzada sin cesar, en una palabra, para descubrir en cada coyuntura, indisolublemente ligadas, la singularidad del universal y la universalización del singular? (Sartre, 1968, p. 49).

Mais tarde, nas entrevistas concedidas ao secretário Benny Lévy, postumamente publicadas com o título *A esperança é agora* (1980), Sartre é questionado sobre a finalidade da revolução marxista, e diz que: “o fim, como revolução, não pode ignorar a sujeira, e a merda e o sangue que o ato de revolucionar produz” (Sartre, 1992, p. 48). A revolução das classes também tem de considerar uma unidade indissociável entre os fins e os meios de uma ação, observando que o meio é condicionado pelas condições materiais, enquanto os fins transcendem a história. Portanto, de uma forma mais enfática, o filósofo existencialista conduz a revolução como fim, a conceber o *trans-histórico*.

Nesse sentido, “o fim seria o estabelecimento radical da intenção, atravessando a história propriamente dita”. Dessa forma, Sartre interrompe a entrevista e, de forma lacônica, afirma que o fim sempre: “é *trans-histórico* – e nesse sentido pertence à história. Ele se manifesta na história, mas

não pertence a ela” (Sartre, 1992, p. 48). Essa posição concorda o texto de 64, onde Sartre havia alegado que “*La historia existe, sin embargo, y es el hombre el que la hace*” (Sartre, 1968, p. 19), e que “*cada uno de nosotros, en su historicidad misma, escapa a la historia en la misma medida en que la hace*” (Sartre, 1968, p. 40). Assim, embora a História, enquanto totalização das vivências singulares seja também construída pelo tempo próprio dessas singularidades, propagando o movimento e a transformação da História, não pode resumir a existência humana em um conhecimento positivo. Enfim, esse estatuto dessa discussão para o problema da História no escopo da filosofia de Sartre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seguinte pesquisa, foi discutido que a defesa da subjetividade que Kierkegaard faz contra a força do sistema hegeliano, sem dúvida, foi uma disputa intelectual que fundamentou as bases do que anos mais tarde se tornaria o pensamento existencialista ateu na Europa do pós-guerra. Para Sartre, além de Husserl e Heidegger, o filósofo dinamarquês ofereceu alguns dos caracteres básicos que possibilitaram refletir sobre a liberdade, sobretudo nos elementos para conceber, como o *para-si*, o indeterminado do projeto humano, que se angustia ao perceber como projeto.

Em 1964, o filósofo mais uma vez revisou as proposições kierkegaardiana para discutir o *trans-histórico*. Assim, partindo da reflexão sobre a morte do dinamarquês, pensou na dimensão de *universal singular*, na impossibilidade de captar a existência por meio do conhecimento objetivo, e também na incomensurabilidade de absorver a subjetividade pela História. Logo, pode-se notar que a dimensão de *trans-histórico* representa a historicidade como condição da existência humana, ou seja, aquilo que pode estar na História, mas sem, no entanto, pertencê-la, tal qual um acontecimento histórico da realidade de modo absoluto.

Ademais, é importante dizer que a leitura que Sartre faz de Kierkegaard é sempre na perspectiva de atualização e qualificada pelo confronto com outros filósofos. Desta maneira, se no SN o diálogo com Kierkegaard evoca a contribuição de Heidegger na reflexão sobre a angústia, na CRD, é Hegel quem Sartre revive para enfrentar o filósofo dinamarquês e finalmente avançar em direção a Marx. Mas, ao contrário, no texto que foi central dessa pesquisa, *O universal singular*, o que se tem é uma observação em que o único interlocutor direto de Sartre é Kierkegaard. O resultado disso é uma discussão em que ao mesmo tempo que reforça a importância do filósofo dinamarquês, Sartre agrega a partir do marxismo um novo elemento inerente à sua percepção da História, a *práxis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMANN, A. Sartre's View of Kierkegaard as Transhistorical Man. *Journal of Philosophical Research*, n° 78, 2006. Disponível em: <https://commons.nmu.edu/cgi/>. Acesso em 04 jan. 2023.
- BORNHEIM, G. A. **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOSTE, V. A constituição da angústia em Sartre. **Sofia Eletrônica**, ES, p. 445-462, 2016.
- KIERKEGAARD. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**. 1. ed. Vol. 1, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- KIERKEGAARD. **Temor e Tremor**. Tradução de Maria M. José. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- PAULA, M. O tema da subjetividade e os limites da história: uma leitura de Sartre a partir de suas influências kierkegaardianas. **Ekstasis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2018.
- PERDIGÃO, P. **Existência e Liberdade**. Porto Alegre, RS: L&PM, 1995.
- PEREIRA, D. Sartre Fenomenólogo. **Estudos e pesquisas em psicologia** - UERJ, Rio de Janeiro, 2014.
- PRATES, M. Do singular ao singular: finitude, trans-historicidade e compreensão em Sartre. **Griot: Revista de Filosofia** [S. l.], BA. V. 21, n. 3, pp. 268–282, 2021.
- PRATES, M. Do singular ao universal: totalização, pluralidade e liberdade na ideia de história em Sartre. **Guairacá Revista de Filosofia**, PR, v. 35, n. 1, pp. 1-18, 2019.

- REYNOLDS, J. **Existencialismo**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Moderno).
- SASS, S. A noção de compreensão em Sartre. **Sapere Aude**, MG, v. 5, p. 223-240, 2014.
- SARTRE, J. **A Esperança agora**. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- SARTRE. **Crítica da razão dialética: precedido por questões de método**. Tradução de Guilherme F. Teixeira. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- SARTRE. **El universal singular in Kierkegaard Vivo** - Coloquio organizado por la Unesco en París. Traducción de Andrés-Pedro Sánchez. Madrid: Alianza Editorial. 1968, p. 17-49.
- SARTRE. **Existencialismo é um Humanismo**. Trad. Rita Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SARTRE. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

